Globethics Repository



O desenvolvimento intelectual como formador de seres humanos livres e sujeitos da história [Intellectual development as the formator of free human beings and subjects of history]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Giolo, Jaime
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-06 10:09:46
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162248

Giovanni Semeraro - A novidade da filosofia da práxis consiste no fato de que as massas populares deixam de ser receptáculos passivos e se tornam protagonistas da política e da construção do conhecimento. Tudo isso é inaudito na história da humanidade, sempre separada em classes pela violência e a coerção. Mais inaudito ainda é que essa nova visão de política e de filosofia não devem ser parciais e redutivas, explorando só alguns pontos que interessam a grupos privados, mas deve ser orgânica, global e ao alcance de todos. Por isso, Gramsci não nivela por baixo ao apontar a formação político-intelectual dos subalternos: o que exige deles é nada menos que o desenvolvimento de um ser humano integral que seja ao mesmo tempo político, filósofo, cientista e artista, que sabe recolher as melhores tradições no campo do saber e da vida coletiva para tornar-se criativo, livre e socializado. Isto que dizer que a filosofia da práxis não cabe apenas nos limites do Iluminismo que enaltece a razão e a individualidade, do pragmatismo que valoriza a ação pontual e a eficiência, do evolucionismo que encerra o ser humano na biologia e no naturalismo.

O desenvolvimento intelectual como formador de seres humanos livres e sujeitos da história

ENTREVISTA COM JAIME GIOLO

De acordo com Jaime Giolo, a burguesia divide a humanidade entre "os que têm direitos intrínsecos e os que têm direitos, mas que, para usufruí-los, terão que conquistá-los". Nesse contexto, ele afirma que Gramsci incentiva a formação intelectual dos operários, pois eles "deveriam combater nesse terreno e alçar essa classe social ao nível da filosofia da práxis", o que, segundo o italiano, seria o "início do processo de transformação de seres dominados em sujeitos da história".

Jaime Giolo é graduado em Filosofia, pela Universidade de Passo Fundo, mestre em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ele é professor titular da Universidade de Passo Fundo, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. É também coordenador geral de avaliação institucional e dos cursos de graduação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Eis a entrevista com Giolo, concedida por e-mail à IHU On-Line*:*

***IHU On-Line* - Como Mário Maestri e Luigi Candreva, em *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*[49] descrevem o momento em que Gramsci foi traído pelos companheiros da esquerda?**

Jaime Giolo - Os autores citados mencionam, na verdade, três traições. A primeira deu-se em setembro de 1920, quando o nome de Gramsci foi rejeitado como candidato às eleições administrativas de outubro. Na ocasião, Gramsci militava, como toda a esquerda italiana, ainda no seio do Partido Socialista (o Partido Comunista só seria fundado em 21 de janeiro de 1921), organismo no qual seus amigos Palmiro Togliatti e Umberto Terracini[50] dominavam a seção socialista. Gramsci havia sido o grande mentor dos Conselhos de Fábrica, instituição, segundo ele, capaz de dar ao operariado a motivação necessária para ascender da consciência de assalariado à consciência de produtor, fazendo-o, dessa forma, cumprir sua missão histórica (revolucionária). Os Conselhos de Fábrica, com efeito, foram uma experiência organizacional dos trabalhadores de grande impacto e lhes permitiu ocuparem e dirigirem, entre agosto e setembro de 1920, grande parte das empresas industriais do norte da Itália. Negociações mal feitas e debilidades políticas da esquerda favoreceram a retomada das fábricas pelos donos do capital. Gramsci, além de atacado pela direita, sofreu também o ônus do sombreamento no seio de sua própria agremiação política e, nela, de seus companheiros mais próximos (Togliatti e Terracini).

Palmiro Togliatti protagonizou também a segunda traição, em 1926. Em 14 de outubro desse ano, Gramsci, membro do Parlamento Italiano e Secretário Geral do Partido Comunista Italiano (PCI) escreveu uma carta, em nome do PCI, ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS)[51], condenando as brigas internas do partido soviético, sobretudo a perseguição iniciada por Stalin, Bukharin[52], Rikov[53] e Tomsky[54] contra Trotsky,

---

[49] MAESTRI, Mário e CANDREVA, Luigi. ***Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*** (São Paulo: Expressão Popular, 2001) Nota da ***IHU On-Line*****)**

[50] **Umberto Terracini** (1895-1983): político italiano. Em 1919 se juntou a Palmiro Togliatti e Antonio Gramsci e funda o periódico ***L'Ordine Nuovo***, porta-voz de uma campanha favorável à expulsão dos reformistas moderados do partido, como professava a União Soviética. (Nota da ***IHU On-Line***)

[51] **Partido Comunista da União Soviética (PCUS):** foi o nome usado pela facção política bolchevique do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, de 1952 a 1991. Durante toda a história da Rússia Soviética e da URSS, o Partido Comunista atuou como partido governante e majoritário. (Nota da ***IHU On-Line***)

[52] **Nikolai Ivanovich Bukharin** (1888-1938): revolucionario, intelectual bolchevique e político soviético. Estudou economia e em 1906 se uniu ao setor bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo, foi um dos teóricos marxistas mais destacados, além de jornalista e de colaborador próximo de Vladimir I. Lenin a partir de 1912. Desde então, foi uma das figuras dirigentes dos bolcheviques, embora freqüentemente tenha entrado em conflito com a linha dura do Partido. Após alguns anos no exílio, regressou em 1917 à Rússia e, durante a Revolução de Outubro (1917), organizou o levantamento bolchevique em Moscou. Bukharin formulou os princípios da economia soviética (Economia da Etapa de Transformação, 1920), embora criticasse o crescimento demasiadamente acelerado do socialismo nos anos 20. Nikolai Bukharin ocupou importantes cargos políticos e no Partido. Após a morte de Lenin, de início tomou partido por José V. Stalin contra Trotski e a oposição de esquerda, mas a partir de 1928 foi considerado por Stalin como possível rival e presumível líder da oposição de direita, razão pela qual foi afastado do poder em 1929. Mais tarde, depois de uma reconciliação formal, recebeu o lugar de redator-chefe do Izvestia (1934),. No entanto, em 1937 foi preso e um ano mais tarde, em 1938, foi condenado à morte no terceiro falso processo de Moscou e executado nesse mesmo ano. Em 1988, durante a era de Mikhail Gorbachev, foi reabilitado jurídica e politicamente. (Nota da ***IHU On-Line***)

[53] **Alexei Rykov** (1881-1938): Um dos colaboradores mais chegados a Lênin, membro do Comitê Central Bolchevique desde a cisão do POSDR. Ingressou no Partido Bolchevique em 1903. Tornou-se presidente do Conselho Supremo da Economia, depois da Revolução de Outubro e após a morte de Lênin foi eleito Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, posto que ocupou de 1924 a 1929. Durante os processos de Moscou, foi executado após ser condenado por traição e terrorismo em 1938. (Nota da ***IHU On-Line***)

[54] **Tomsky** (Mikhail Pavlovitch Efremov) (1880-1936): Social-Democrata em 1904, atuou junto a sindicatos, sendo preso e deportado para a Sibéria de onde fugiu, retornando para São Petersburgo para

Zinoviev[55] e Kamenev[56]. No essencial, Gramsci afirmava que os últimos foram mestres dos comunistas italianos e deveriam ter lugar na política soviética. A carta foi enviada a Palmiro Togliatti, representante italiano na Internacional Comunista em Moscou, para que este a repassasse ao Comitê Central. Togliatti entregou a carta apenas para Stalin, obstruindo a esperança de Gramsci de estabelecer o debate no seio do PCUS e atraindo sobre ele a raiva do stalinismo. A terceira traição veio novamente com Togliatti e outros integrantes do PCI (Grieco e Tasca[57]). Em 1927, quando Gramsci estava já preso pelo regime fascista, esses companheiros escreveram-lhe uma carta recomendando que tivesse comportamento duro perante os tribunais. No ano seguinte, uma nova carta, assinada por Grieco e expedida de Moscou, tratava de assuntos de política internacional. As cartas acabaram passando a mensagem velada aos controladores do cárcere de que Gramsci era, de fato, como a acusação sustentava, um homem perigoso e de grande influência na política interna e externa. Maestri[58] e Candreva[59] asseguram que essa foi uma tática usada por epígonos do PCI e da Internacional Comunista para manter Gramsci preso por muito tempo, tendo em vista ser ele um potencial articulador da esquerda contra a liderança que Stalin estava assumindo no contexto do comunismo internacional. É decisivo considerar que a menção crítica a essas traições internas do partido e da esquerda (aliás, presentes em todas as organizações sociais) não deve obscurecer o fato de que o verdadeiro algoz e o terrível malfeitor de Gramsci e do operariado italiano foi o regime fascista, liderado por Benito Mussolini[60] e representante da alta burguesia, da aristocracia e demais forças conservadoras da época.

---

continuar com o trabalho sindical. Em 1909 foi novamente preso e condenado a 5 anos de trabalhos forçados. Em 1920 tornou-se Secretário Geral da Central Sindical Vermelha. Foi eleito para o Comitê Central do Partido Comunista e para o Politiburo. Aliado de Stalin, em 1934 assumiu o posto de Diretor da Imprensa Oficial. Em 23 de agosto de 1936, após ser informado que seria preso pela NKVD, cometeu suicídio. (Nota da ***IHU On-Line***)

[55] **Grigory Yevseevich** Zinoviev (1883-1936): revolucionário bolchevique e político comunista soviético. Foi amigo de Lênin e condenado ao desterro e à prisão. Depois da morte de Lênis formou o "triunvirato diretivo" do Estado junto a Stálin e Kamenev. Em 25 de agosto de 1936 morreu executado juntoa Kamenevev por acusação de oposição a Stálin. (Nota da ***IHU On-Line***)

[56] **Lev Kamenev** (1883-1936): revolucionário e político soviético, um dos líderes da facção bolchevique do Partido Comunista da URSS e um dos mentores da Revolução Russa de 1917. Mais tarde, foi preso, julgado, condenado e executado por traição e atividade contra-revolucionária, juntamente com outros antigos bolcheviques (como Grigory Zinoviev) que faziam oposição à Stalin. A família de Kamenev também acabou executada - só um de seus filhos sobreviveu aos expurgos do governo Stalin. (Nota da ***IHU On-Line***)

[57] Angelo Tasca (1892-1960): dirigente socialista italiano. (Nota da ***IHU On-Line***)

[58] **Mário Maestri (1948): historiador brasileiro.** É doutor em Ciências Históricas pela *Université Catholique de Louvain*, na Bélgica, onde defendeu dissertação de mestrado sobre a África Negra pré-colonial, e tese de doutorado no *Centre de Histoire de l'Afrique* daquela instituição, sobre a escravidão no Rio Grande do Sul. É professor do programa de pós-graduação da Universidade de Passo Fundo. Escreveu a edição número 17 dos ***Cadernos IHU Idéias***, intitulada ***As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade***, e edição número 74, intitulada ***Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho***. As publicações podem ser baixadas por *download* no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

[59] Luigi Candreva: italiano, sindicalista, professor e historiador. Com Mário Maestri é autor de ***Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*** (São Paulo: Expressão Popular, 2001). (Nota da ***IHU On-Line***)

[60] **Benito Amilcare Andrea Mussolini** (1883-1945): jornalista e político italino, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano "o condutor". No início da sua carreira de jornalista e político foi um tenaz propagandista do socialismo italiano, em defesa do qual escreveu vários artigos no jornal esquerdista Avanti, de que era redator-chefe. Em 1914, dirigiu o jornal ***Popolo d'Itália***, onde defendeu a intervenção italiana em favor dos aliados e contra a Alemanha. Expulso do Partido Socialista Italiano, alistou-se no exército, quando a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial e alcançou a patente de sargento. Em 1919, fundou os Fasci Italiani di Combatimento, organização que originaria, mais tarde, o Partido Fascista. Baseando-se numa filosofia política teoricamente socialista, conseguiu a adesão dos militares descontentes e de grande parte da população, alargou os quadros e a dimensão do

***IHU On-Line* - Gramsci propôs um novo tipo de educação, que desenvolvesse intelectuais na classe operária. Essas idéias correspondem à pedagogia crítica e à educação popular, teorizada por Paulo Freire? Que relações podemos traçar entre Gramsci e Freire? De que maneira as idéias de Gramsci influenciaram Paulo Freire, no Brasil?**

Jaime Giolo - Gramsci foi marxista e, como tal, considerava que o desenvolvimento intelectual, de base racional e científica, é decisivo para a formação de seres humanos livres e sujeitos da história. Além de tornar os seres humanos livres e sujeitos da história, a razão dialética revela a natureza humana objetiva (biológica e social), da qual se extrai o princípio moral da igualdade entre todos. Nenhuma outra cosmovisão, antes ou depois dele, sequer se aproximou do marxismo no implacável propósito de submeter tudo aos critérios da razão e do método científico. Por isso, o marxismo foi e é tão enfático na crítica da religião e de todas as interpretações que lançam mão de elementos místicos, metafísicos, esotéricos etc., para explicar a realidade. Por isso, principalmente, o marxismo fez a crítica à ideologia, que é o núcleo da justificação do domínio de classe e da exploração de muitos por poucos. A crítica à ideologia conduz o marxismo ao cerne da ciência social, pois, a partir dela, se abre e se constrói a crítica radical de toda a estrutura social. Tal crítica, que é a crítica da dominação, lança também as bases da ação libertadora: ação política e ação pedagógica; ação político-pedagógica ou ação pedagógico-política. Note-se que a proposta educacional marxista e demais propostas surgidas da esquerda sempre pretenderam desalojar a dominação que se instaura, para além da prática objetiva externa, também na mente das pessoas. Educar é, pois, sinônimo de libertar quando a educação opera segundo a ciência e a razão dialética e, assim, destrói os esquemas mentais onde a classe dominante sustenta a sua hegemonia.

Gramsci compreendeu que o senso comum, embora dotado de um núcleo de racionalidade (bom senso), é, na realidade, um baú onde estão guardadas coisas novas e velhas, idéias de outros tempos e outros lugares, preconceitos, ilusões, misticismo. Nesse campo sincrético, a ideologia dominante lança suas sementes em solo fértil e instala facilmente o poder da dominação. A formação intelectual dos operários deveria combater nesse terreno e alçar essa classe social ao nível da filosofia da práxis, o início do processo de transformação de seres dominados em sujeitos da história. É apenas o início do processo de transformação (a base da nova hegemonia), porque a transformação global se dá pela revolução, ou seja, pela reconfiguração das relações de produção, a partir daqui, sob o controle de quem, de fato, trabalha e produz a vida material de toda a sociedade.

Entre Gramsci e Paulo Freire, há cruzamentos claros, dados pela vinculação de ambos a projetos de esquerda. Paulo Freire, entretanto, não era marxista e nem leu Gramsci na sua formação intelectual. Leu, por certo, mais tarde, quando sua contribuição pedagógica já estava dada. Paulo Freire provém de um meio intelectual cristão, um cristianismo que se tornou progressista pela apropriação de teses fenomenológicas e existencialistas e por conviver com o mundo do trabalho por meio da Ação Católica (JUC, JEC). Também por conviver, em alguns aspectos, com movimentos e partidos de esquerda. Paulo

partido. Sua oratória era tão notável quanto seu uso eficaz de propaganda política. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais, período em que alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias (chamadas de *camicia nera*, camisas negras) para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, consequentemente, poderes absolutos na governação do país. (Nota da ***IHU On-Line***)

Freire, tal como Gramsci, percebeu que a mentalidade popular era hospedeira das idéias e princípios morais, políticos e econômicos da classe dominante. A transformação dessa realidade seria feita por um processo dialógico, chamado pelo autor de conscientização. Essa conscientização torna o ser humano sujeito por meio da prática do diálogo e pela incorporação de instrumentos lingüísticos que possibilitam a leitura do mundo (alfabetização). Em Paulo Freire, a razão, a ciência e a revolução não estão claramente articulados e não têm a importância que têm em Gramsci. Os sujeitos populares de Paulo Freire articulam-se socialmente em comunidades eclesiais de bases ou grupos simples de destinação diversa (econômica, cultural, desportiva, política), típicos do ambiente rural e das periferias urbanas. São sujeitos alfabetizados, mas não propriamente intelectualizados. Os sujeitos de Gramsci são os operários urbanos ou o campesinato rural, articulados em Conselhos de Fábrica, sindicatos e, sobretudo, partidos políticos, indivíduos intelectualizados e preparados para tomar o controle geral da sociedade.

***IHU On-Line* - A necessidade de criar uma cultura na classe trabalhadora, segundo Gramsci, era fundamental para demonstrar que os valores da burguesia não eram os desejáveis da sociedade. Nesse sentido, alguns operários tornam-se intelectuais, e lutam pelas suas idéias. Esse contexto não lhe parece contraditório, uma vez que os operários, depois de intelectualizados, também passam a querer impor os seus valores como os desejáveis da sociedade?**

Jaime Giolo - Os valores da burguesia são altamente questionáveis porque, no fundo, eles repartem a humanidade entre os que têm direitos intrínsecos e os que têm, em tese, direitos, mas para usufruí-los terão de conquistá-los (o bom burguês diria: tem de merecê-los). E o fato é que, mantidas as regras do jogo, jamais os conquistarão (os merecerão). A burguesia não é composta por um grupo humano mau e, por isso, dominador; assim, também as classes populares não são compostas por pessoas boas e ingênuas e, por isso, passadas para trás. A burguesia é tão somente a classe social, que maneja e controla a economia no contexto do capitalismo, regime que, por natureza, concentra a propriedade e a renda. Ora, em qualquer sistema, mas de modo especial no capitalismo, quem maneja a economia tem tudo a seu favor (política, cultura, dignidade etc.), e quem está excluído da economia não consegue nada. Ocorre que quem opera a economia capitalista precisa, por razões estruturais, dominar o trabalho de quem está do outro lado e, até certo ponto, manter uma parte da população na marginalidade. Os valores que são construídos e defendidos, com unhas e dentes, por essa classe, são injustos e impróprios para quem mantém uma mirada intelectual que contemple a sociedade como um todo. Essa mirada intelectual mais ampla (a que contempla a sociedade como um todo e que, por isso, merece ocupar o lugar daquela que contempla apenas uma classe) só pode ser assumida e implantada pela ascensão política dos que são sistematicamente mantidos do lado de fora e ela somente se realiza de forma plena quando as relações materiais de produção forem também alteradas (revolucionadas). Enquanto as condições materiais de produção se mantiverem inalteradas, a contradição mencionada na pergunta é sempre possível. Um operário que se intelectualiza adquire condições de trocar de classe social e, em muitos casos, é isso o que acontece. Esse intelectual, via de regra, muda também de cosmovisão. Deduz-se disso, que não vale a pena intelectualizar as classes populares? Nada mais burguesa do que essa tese, pois ela se destina a manter as coisas como estão. Se é difícil mudar uma formação social mesmo intelectualizando as classes populares, sem isso essa possibilidade será bem mais remota.